

Vivacidade, plasticidade, suor, jogo, fantasia, realidade, movimento. Foi assim o Lab Supernada, conduzido pelas artistas, Clarice Lima e Aline Bonamin, que durante dez tardes, na Casa do Povo, propuseram um trânsito que tinha como premissas abarcar o universo infantil, a empatia cinética dos corpos performáticos e do público, a aproximação e o distanciamento dos performers em relação as pessoas, coisas, espaços e o uso de fantasias.

Um grupo intenso de artistas dispostos a vivenciarem as propostas, sendo cúmplices nas brincadeiras, na escuta do jogo, na curiosidade e porosidade nos encontros de dentro das proposições, na escolha dos figurinos-fantasias - o chamado look do dia, e também, na leitura de textos que traziam pistas para o mergulho no desconhecido.

Cada dia acontecia um trajeto curioso da Casa do Povo até a Praça Tiradentes. Nós, artistas performers, todos vestidos com figurinos de bichos ou princesas, chegávamos juntos e começávamos o jogo proposto, e que sempre precisávamos estar em movimento, caminhando ou correndo, sempre com uma ocupação a ser cuidada e presentificada. As alamedas-bosque ganharam suspensão, amplitude, vida, cor, movimento, estranhamento. Olhares curiosos das pessoas que lá estavam e daquelas que por lá passavam. O que de fato estava acontecendo ali?

Crianças eufóricas, adultos que paravam para observar o que ali acontecia. O jogo gerava diversão, mudança de humor e dinâmicas de movimento diferentes.

Lab Supernada foi sobre estar junto na ação-jogo, na atenção.

Lab Supernada é sobre estar junto, é sobre ficção e gerar fricção. É afetar e ser afetado. É vestir fantasias e gerar diferentes imagens e enquadramentos para quem está dentro e fora do jogo.

**Texto da artista Tatiana Cotrim sobre o *Laboratório Supernada*
no Lote/ Casa do Povo em Fevereiro e Março de 2017**